
Editorial

É com muita honra que nós, como nova Comissão Editorial da Revista, assumimos a responsabilidade pela publicação de número 28 da Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência do Ceapia. Nesta edição, nosso desafio foi manter a excelência de um cuidadoso trabalho que vem sendo aprimorado ao longo dos últimos 31 anos. A Publicação CEAPIA tem sido marcada pela valiosa produção de conhecimentos que propicia ao seu público leitor, o que permitiu inclusive com que a revista subisse em sua avaliação *Qualis* nos últimos anos, tendo atualmente a classificação B4.

Neste ano de 2019, ficamos satisfeitos com o volumoso número de artigos que nos foram submetidos para publicação, e acreditamos ter podido contemplar para esta edição 17 artigos e 1 resenha de bastante qualidade e riqueza teórica e clínica. Como poderão observar, as sessões temáticas nesta edição seguem o mesmo perfil das publicações anteriores, tendo sido divididas em: dinâmica da infância, dinâmica da adolescência, dinâmica dos setores, reflexões teórico-clínicas e resenha.

Procuramos nortear a construção da revista valorizando temas que nossa instituição Ceapia têm aprofundado em seus estudos mais recentes. Um desses assuntos é a adaptação da escuta e da técnica para situações de vulnerabilidade psíquica, em pacientes cuja demanda de atendimento não está centrada nos conflitos típicos da neurose, mas especialmente em sintomas/atos que denunciam situações traumáticas que ficaram clivadas pelo aparelho psíquico. Assim sendo, o primeiro artigo da revista, da sessão Dinâmica da Infância, intitulado “Experiências de (des)continuidade: possibilidade de intervenção junto a um psiquismo vulnerável”, é da autora Kellen Evaldt Arrozi. Amparada por uma visão Winnicottiana, Kellen retoma a teoria do amadurecimento emocional e procura fazer reflexões sobre as especificidades do manejo e das intervenções com crianças que revelam falhas no processo de integração do self. A seguir, temos o artigo da Eneida Iankilevich, “‘Faz aquilo de novo!’: a questão da interpretação na prática psicanalítica com crianças”, no qual faz um mergulho profundo para pensar a questão da interpretação e do uso da

palavra, trazendo vivências de sua clínica e conversando com autores pioneiros e contemporâneos, onde encontramos a diversidade do uso da interpretação. Destaca a importância da criação de uma linguagem entre a dupla, no caso de crianças, uma das alternativas seria através de personagens, ajudando o paciente a escutar o que conta, mas ainda não consegue ouvir. Já no trabalho “A importância da psicoterapia em casos de abuso sexual de crianças”, escrito por um grupo de alunas do curso de psicologia da UNINASSAU, encontramos, através de um importante levantamento de dados epidemiológicos, um artigo sobre a importância dos tratamentos psicoterápicos como forma de diminuir o sofrimento de crianças vítimas de situações de abuso sexual.

Adentrando o eixo Dinâmica da Adolescência, temos o artigo “Adolescência e Virtualidade: vias de (des)conexão”, o qual a partir de uma leitura psicanalítica, aborda o tema sempre em alta a respeito dos efeitos da virtualidade na cultura vigente, refletindo sobre o impacto desse contexto na constituição subjetiva de nossos adolescentes, em especial na sua forma de ser, representar e se relacionar. Na sequência encontramos o artigo “Dora, uma abordagem sobre a técnica com adolescentes, 100 anos depois”, o qual foi originalmente redigido pelas autoras, Marli Bergel, Kátia Radke, Eliane Goldstein e Maria de Fátima Freitas em 2005, e que discute como a adolescente Dora, famoso caso documentado por Freud em 1905, seria atendido atualmente, à luz dos conhecimentos desenvolvidos sobre as especificidades da técnica com adolescentes. Ainda nesse eixo, o trabalho “O menino subnaútico: a (in)capacidade de estar só”, da colega ceapiana Elisa Cardoso Azevedo descreve um tocante encontro entre ela e seu paciente. A terapeuta capta a fragilidade de seu paciente, enxergando a serviço de que o uso excessivo de jogos eletrônicos estaria para o psiquismo deste adolescente. A capacidade de estar só, conceito winnicottiano, assim como os refúgio narcísicos de Steiner, complementam a compreensão do primitivo que aparece na relação entre eles.

Em Dinâmica de Setores, encontramos uma preciosa pesquisa elaborada pela comissão de pesquisa do Ceapia, intitulada “40 anos de clínica da infância e da adolescência: análise entre décadas do perfil de pacientes atendidos no CEAPIA”, em que as autoras realizaram um extenso e minucioso levantamento quantitativo sobre o perfil de pacientes atendidos no CEAPIA entre os anos de 1978 e 2017, cujos resultados decorrem da análise de mais de 5000 prontuários documentados na instituição. Posteriormente, o interessante artigo “Freud e um atendimento domiciliar em 1893”, elaborado pelo Setor de Atendimento Pais-Bebê escreve um trabalho comemorativo aos 30 anos do Setor. Para tanto, faz uma volta no tempo, resgatando um atendimento domiciliar de Freud a uma mãe que não conseguia amamentar. Através deste historial clínico e do pensamento de Borgogno, refletem sobre o pioneirismo de Freud em já enxergar a importância da relação mãe-bebê, bem como o método investigativo e de observação, que vai tornar-se efetivado com Esther Bick. Escrito valioso, que traz as origens da observação de bebês, bem como apresenta um olhar de

Freud pouco conhecido. Fechando essa sessão, no artigo redigido pela equipe do Setor de Atendimento Colateral a Pais, “Questões sobre a técnica de atendimento a pais”, as colegas compartilham conosco a construção artesanal de seus principais instrumentos técnicos, ilustrando com vinhetas a forma como pensam e conduzem esse trabalho tão desafiador, necessário e peculiar, exercido pelo setor.

Na sequência, a sessão mais substanciosa dessa revista, Reflexões Teórico-Clínicas, é iniciada pelo artigo da Juliana de Azevedo Medeiros e Felipe Daniel Detoni. Em “Minha primeira Alice”, os autores constroem uma narrativa em que, de maneira sensível e afetiva, articulam o crescimento e as experiências emocionais vividas tanto pela pequena paciente, nomeada Alice, como por sua principiante terapeuta, em seus primeiros encontros terapêuticos. Segue a esse, o artigo “A narratividade na reconstrução da história”, de Bruna Detoni, Daniela Maltz Raskin, Desirée De Nardi Trois e Gabriela Filipouski, apresentado nos temas livres da XXXIX Jornada Anual do CEAPIA. Através do filme “Viva, a vida é uma festa”, discutem o tema da transmissão psíquica como elemento central no processo de subjetivação do sujeito. Refletindo haver a interrupção deste processo no momento em que há uma falha da narratividade. Apenas através desta é que o sujeito pode apropriar-se de sua história. No filme Miguel está em busca de sua história, já que há uma vivência de segredos e mágoas transgeracionais, ficando atravessado por traumas que rompem ligações. Em sequência, temos os comentários tecidos por Patrícia Cohn, que convida o leitor a pensar na clínica, como seria o terapeuta encontrar-se com Miguel, destacando a importância de o terapeuta tecer esta narratividade com o paciente, em busca de uma apropriação da subjetividade. Posteriormente, o brilhante artigo de Luísa Steiger Pires de Oliveira, “Believer”, o qual recebeu o prêmio de trabalho destaque na Jornada Interna do CEAPIA, em 2018. Believer é a história clínica e desafiadora de um paciente de 11 anos que não brincava e nem falava nas sessões. Com muito afeto e continência, Luísa nos conta como precisou adaptar sua técnica para criar caminhos possíveis junto a esse menino, de modo que ele pudesse começar a existir e se individualizar. Após, temos o artigo redigido por Cynthia Peiter e Maria Luíza Girardi, escrito especialmente para a nossa revista a pedido da Comissão. Em “Escutas psicanalíticas para o desamparo e vulnerabilidades” encontramos um material valioso e atual. Com a apresentação de vinhetas as autoras elucidam as peculiaridades do atendimento com crianças e adolescentes com problemáticas narcísicas graves, decorrentes de falhas básicas nos primeiros cuidados ambientais, bastante comum em situações de adoção e crianças abrigadas. Cynthia e Maria Luíza estiveram no primeiro semestre no CEAPIA compartilhando seus conhecimentos acerca do tema em questão, e o texto é sem dúvida um importante legado a todos.

Ainda nessa sessão, temos o artigo “Da interpretação ao manejo: o trabalho de um tradutor de emoções”, de Laura Marazita Lotti. A autora aborda de

forma muito criativa e metafórica as semelhanças entre o trabalho de um tradutor de poesia com o de um psicanalista, naquelas situações em que a interpretação não se apresenta como um recurso técnico suficiente para ajudar os pacientes. São formas de funcionamento mental em que a lógica do irrepresentável prepondera. Depois, em “O Objeto Tutor -Conceito de Victor Guerra”, as autoras Bruna Lucas, Inta Muller, Jéssica Aronis, Júlia Jaskulski, Júlia Pimentel, Laura Wolf, Luciene Beckenkamp e Nicole Nemetz homenageiam a obra de Victor Guerra ao abordar o importante conceito de Objeto Tutor que tem uma função fundamental na constituição psíquica do bebê. E fechando este capítulo, o trabalho “Os seriados na contemporaneidade: novas formas de manifestações adolescentes”, também da psicóloga Luísa Steiger Pires de Oliveira. A colega destaca, através de um caso clínico, a importância de atentarmos para os seriados como uma forma de compreender as manifestações e os conflitos dos adolescentes da contemporaneidade.

Por último, convidamos nossa estimada professora Norma Escosteguy, sempre tão atenta, crítica e reflexiva a respeito de tudo que se passa na cultura, para compartilhar conosco a resenha de algum filme que tivesse despertado nela especial interesse. O resultado é um texto preciso e uma visão envolvente e original sobre o emocionante best-seller “Extraordinário”, lançado em 2013.

Para encerrar, não podemos deixar de prestar nosso especial agradecimento à talentosa artista Carla Barth por ceder uma de suas belíssimas obras para servir de capa a nossa revista; e à querida colega Adriana Ribas, anterior editora da Revista do CEAPIA, por sua disponibilidade e generosidade em nos auxiliar nesse processo desafiador de transição e criação do número 28 da Publicação CEAPIA. Adriana, foste de fundamental ajuda e importância para que pudéssemos concluir a revista. Estamos muito orgulhosos do produto final desta edição e fazemos votos de que todos encontrem sentido e fruição nas leituras que oferecemos.

Comissão Editorial